



REDE
TEMPO
BRASIL



UFRJ



UNIVERSIDADE
DE PERNAMBUCO

Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Por Sua Majestade e pelo Tio Sam: História Comparada dos Serviços de Inteligência Britânico e Norte-Americano na II Guerra Mundial

Raquel Anne Lima de Assis¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a atuação das agências de inteligência da Grã-Bretanha e dos EUA durante a II Guerra Mundial. Serão estudadas a instituição britânica *Special Operations Executive* (SOE) e a norte-americana *Office of Strategic Services* (OSS). Utilizaremos como fontes os documentos oficiais produzidos por estes órgãos voltados para as missões de agentes em campo que tinham como propósito coletar informações sobre o inimigo e ajudar a organizar movimentos de resistência formados pelas populações de locais dos territórios ocupados pelo Eixo através de ações de sabotagem e guerrilha. Com este estudo, procuraremos responder o seguinte questionamento: qual a leitura que a SOE e o OSS possuíam de suas atuações na guerra? Para tal, utilizaremos como aporte metodológico a História Comparada para traçarmos as semelhanças e diferenças entre estas agências em uma análise atravessada por problemas em comum.

Palavras-chave: II Guerra Mundial; Inteligência; Espionagem.

For Your Majesty and for Uncle Sam: A Comparative History of British and American Intelligence in World War II

Abstract: The purpose of this text is to analyze the operations of two intelligence agencies of Britain and the USA during World War II. The focus will be the British institution named Special Operations Executive (SOE) and the North American one called Office of Strategic Services (OSS). We will use as sources official documents produced by these organs focused on agents' mission in field who had as purpose to collect pieces of information about the enemy and to help organizing resistance movements formed by the population of places occupied by the Axis through sabotage and guerrilla actions. With this study we will seek to answer the following question: what was the reading that SOE and OSS had of their performance in the war? For that, we will use as a methodological contribution the Comparative History to trace the similarities and differences between those agencies in a cross-sectional analysis for common problems.

Keywords: World War II; Intelligence; Espionage.

POR SUA MAJESTADE E PELO TIO SAM: HISTÓRIA COMPARADA DOS SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA BRITÂNICO E NORTE-AMERICANO NA II GUERRA MUNDIAL

ASSIS, R. A. L.

Introdução

Espionagem é um tema que costuma despertar o fascínio daqueles que acompanharam ações de agentes secretos nos filmes e na literatura. Quando pensamos em contextos de conflito, como a II Guerra Mundial (1939-45), é quase inevitável nos questionarmos como as agências de inteligência empreendiam sua “guerra secreta”. Durante este conflito, três instituições voltadas para o serviço secreto ganharam destaque: as britânicas *Secret Intelligence Service* (SIS ou MI6), criada em 1909, e a *Special Operations Executive* (SOE), surgida em 1940, e a norte-americana *Office of Strategic Services* (OSS), nascida em 1941.

A primeira agência tinha como principal função realizar Operações de Inteligência – isto é, coleta, interpretação, análise e avaliação de informações para uso estratégico das Forças Armadas e do governo –, enquanto a segunda, Operações Especiais, ou seja, sabotagem e guerrilha atrás das linhas inimigas. Mas isso não impediu que a SOE empreendesse espionagem, que é uma atividade do processo de inteligência de invadir sistemas protegidos. Essa divisão não eliminou o fato de que a SOE, por ter agentes em campo, era capaz de realizar também a coleta de informações. Por sua vez, a terceira, a norte-americana, uniu em um mesmo órgão essas duas funções.

A própria SOE nasceu do SIS, que possuía um setor chamado *Section D*, responsável por ações de sabotagem e guerrilha. Porém, devido a algumas falhas desse setor, o governo britânico decidiu concentrar essas Operações Especiais em uma nova instituição, a SOE^{II}. Esta agência estava encarregada de enviar agentes aos territórios ocupados pelo Eixo, com o objetivo de organizar e treinar movimentos de resistência em ações subversivas. Ambos os órgãos trabalharam em conjunto, pois os agentes da SOE, ao coletarem informações, repassavam para o SIS, que era o responsável pelas redes de comunicação *wireless* (comunicação via rádio entre o teatro de operação e a sede da agência):

Entretanto, a coleta de informações precisava de sigilo e, para o SIS, ao empreender as ações subversivas, a SOE poderia gerar o aumento da segurança inimiga. Fazendo uma analogia, é como se o SIS precisasse de silêncio enquanto a SOE gerava barulho. Tal cenário levou à insatisfação do SIS, que, na visão da SOE, passou a dificultar algumas de suas ações, o que demonstra certo grau de rivalidade entre as duas agências.

Ao compararmos com o OSS na mesma perspectiva, identificamos que esta instituição também apresentava conflitos com outros setores, como o FBI (*Federal Bureau of Investigation*)^{III} e o OCIAA (*Office for Inter-American Affairs*)^{IV}, por exemplo, principalmente na busca por mais espaço para suas operações na América Latina. Era também um órgão recente que disputava locais de atuação dentro do próprio aparelho de Estado norte-americano. O OSS surgiu diante da eminência da entrada dos EUA na guerra, pois o então presidente norte-americano, Franklin Roosevelt, e o aparato militar e estatal perceberam que não conheciam seus potenciais inimigos, principalmente o Japão, que disputava com eles a hegemonia no Pacífico através de sua política expansionista e imperialista. Assim, a Casa Branca autorizou William Donovan a criar e chefiar uma agência responsável pelo serviço de inteligência, pois até então as informações estavam fragmentadas entre diversos órgãos militares. Ou seja, os norte-americanos precisavam coordenar, em uma única instituição, a coleta de informações para que pudessem analisá-las e interpretá-las dentro de um quadro mais complexo. Além disso, os agentes foram encarregados de empreender também uma guerra clandestina por meio de Operações Especiais junto aos movimentos de resistência^V. Diante deste cenário, observamos a formação de uma rede de espionagem que envolve articulações entre diferentes agências e movimentos de resistência.

POR SUA MAJESTADE E PELO TIO SAM: HISTÓRIA COMPARADA DOS SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA BRITÂNICO E NORTE-AMERICANO NA II GUERRA MUNDIAL

ASSIS, R. A. L.

Não pretendemos, neste texto, nos aprofundar nas relações que a SOE e o OSS estabeleceram com outros órgãos britânicos e norte-americanos, respectivamente^{VI}. Nosso foco é o cenário internacional de atuação destas agências. Para tal fim, analisaremos documentos oficiais produzidos por essas agências sobre operações de espionagem, sabotagem e guerrilha na França. Com o avanço da URSS no leste europeu, a França foi a “porta de entrada” dos EUA e da Grã-Bretanha na Europa. Portanto, o território francês possuía uma importância estratégica e política para os Aliados. Estratégica porque ajudava o Exército Vermelho ao dividir as forças do Eixo em duas frentes, e política, pois os norte-americanos e britânicos se apresentavam também como libertadores da Europa ao lado dos soviéticos.

Desta forma, levantamos alguns questionamentos: Como a SOE e o OSS concebiam suas operações tendo que lidar com tensões na política doméstica para disputar espaço? Qual leitura estes serviços de inteligência britânico e norte-americano possuíam em torno de suas atuações durante a II Guerra? Nossa hipótese é que a SOE e o OSS interpretavam suas operações como forma de auxiliar a hegemonia de seus países em algumas regiões frente ao avanço político de alguns grupos de resistência visando o contexto do pós-guerra, o que contribuiria para fortalecer suas posições de poder no cenário doméstico.

“Os Agentes das Sombras”

A França foi um reduto de movimentos de resistência que atuaram não somente contra as forças alemãs, mas também em oposição ao governo colaboracionista. Contudo, também destacamos como o governo colaboracionista de Vichy se manteve graças ao apoio de grande parte da população francesa. Diante disso, entendemos que a formação da resistência na França não foi francesa, e sim internacional, e não foi imediata, mas fruto de um processo ao longo do regime Vichy.

Os movimentos de resistência foram atores importantes nas Operações Especiais da SOE e do OSS, pois os EUA e a Inglaterra se utilizaram dos civis de uma forma que os inimigos não fizeram^{VII}. Partindo do *Historical Dictionary of World War II France: The Occupation, Vichy, and the Resistance* (1938-1946) entendemos resistência como forças que lutaram contra ou tentaram subverter as forças do Eixo nos locais de ocupação ao longo da II Guerra Mundial^{VIII}. Essas ações se constituíam tanto de formas isoladas e esporádicas com ações individuais como através de atividades coordenadas e executadas por grupos organizados. Participaram sujeitos das camadas populares, intelectuais, políticos e oficiais por meio de lutas armadas, assim como também por meio de propaganda, manifestos, deserções e ações passivas.

Robert Gildea compreende esse processo de formação da resistência para além do relato oficial, que predominou durante o pós-guerra. Essa narrativa foi fundamentada em algumas crenças, como (i) o mito gaullista que defendia a formação de uma resistência desde o início da ocupação, com a derrota da França e assinatura do armistício (1940), até a Libertação com o desembarque na Normandia pelos Aliados (1944); (ii) que a maioria dos franceses apoiava a resistência, enquanto uma minoria era colaboracionista; (iii) e que a Libertação foi resultado principalmente da ação da resistência com o suporte dos Aliados. Assim, outros grupos como comunistas, estrangeiros e judeus foram colocados de lado e o autor nos mostra como eles foram fundamentais para o que ele chama de uma resistência internacional^{IX}.

Após o armistício de 1940 uma minoria da população francesa, formada por diferentes grupos políticos, despertou um sentimento opositor ao Marechal Pétain^X. Dentre esses estava o General De Gaulle, que procurou formar uma força no Norte da África, com apoio britânico, composta por soldados franceses. Esse movimento do General ficou conhecido como França Livre

POR SUA MAJESTADE E PELO TIO SAM: HISTÓRIA COMPARADA DOS SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA BRITÂNICO E NORTE-AMERICANO NA II GUERRA MUNDIAL

ASSIS, R. A. L.

e foi sediado em Argel. Por sua vez, no território francês, o sentimento de patriotismo ou de idealismo despertou em alguns indivíduos que formaram a resistência, dentre eles os comunistas ganharam destaque.

Todavia, esse momento não representava uma homogeneização da resistência. Diferentes objetivos e bandeiras eram levantados, o que conseqüentemente gerava conflitos. Existia uma divisão entre aqueles que defendiam seu uso com propósitos militares e aqueles a favor de uma reforma política profunda, como parte dos comunistas. Ainda segundo Gildea, “isto evidenciou o conflito entre a ideia de uma resistência dedicada principalmente a trabalhos de espionagem para fins militares e a ideia de uma resistência como um movimento emergente no plano político e social” (Tradução Nossa)^{XI}.

Para os resistentes, a própria influência britânica era tema de debates e rivalidades. Havia aqueles que defendiam uma maior aproximação com Londres, enquanto outros questionavam o perigo que os britânicos representavam para a sua liderança. Para estes, a “unificação servia para incrementar suas forças e sua autonomia e assim evitar que Londres lhes desse ordem” (Tradução Nossa)^{XII}.

A luta pelo poder era uma constante entre os líderes dos movimentos, dentre eles De Gaulle. O General percebeu que, para alcançar suas ambições políticas, era preciso que seus homens estivessem presentes na França^{XIII}. Para De Gaulle, a importância da resistência em atender aos seus propósitos políticos estava em “demonstrar aos Aliados que a Resistência francesa tinha seu potencial militar próprio e que o respaldavam plenamente”^{XIV} (Tradução Nossa). Entretanto, alguns resistentes preferiam colaborar diretamente com os britânicos por desconfiarem de De Gaulle.

Essas tensões em torno de quais propósitos deveriam ser encaminhados pela resistência demonstra seu caráter plural. Foi formada uma resistência internacional ou transnacional, composta por imigrantes e judeus de diferentes nacionalidades^{XV}. A maioria dos franceses apoiava Vichy, enquanto comunistas, judeus e estrangeiros foram perseguidos por alemães e Pétain. Os comunistas formavam o *Francs-Tireurs et Partisans Français* (FTP)^{XVI} e os estrangeiros o *Main d'Oeuvre Immigrée* (MOI)^{XVII}. Sendo assim, mais que uma resistência francesa, era uma Resistência na França^{XVIII}.

Por sua vez, as relações entre o governo Roosevelt e De Gaulle eram fracas, até porque os EUA ainda não havia entrado na guerra no momento do armistício, escolhendo, inclusive, o General Henri Giraud ao invés de De Gaulle para articular seus acordos^{XIX}. Portanto, para os EUA a maior preocupação era vencer a guerra e atender a seus interesses e não levar De Gaulle ao poder, mesmo que para isto fosse necessário um acordo com Pétain. Segundo Martin Thomas, tal reconhecimento diplomático norte-americano em relação a Vichy causou uma tensão nas relações entre o OSS e a SOE, uma vez que esta apoiava a França Livre, apesar dos atritos existentes^{XX}. Sendo assim, observamos divergências nas relações anglo-americanas em torno do apoio a Pétain e De Gaulle.

Desta forma, observamos como os interesses norte-americanos pretendiam levar os britânicos a se afastar dos gaullistas. Contudo, “isso era hostil aos interesses da SOE no Norte da África. A maioria dos contatos da SOE, pelo menos na Argélia, era com gaullistas” (Tradução Nossa)^{XXI}. Além disso, o Departamento de Estado dos EUA e a sede do comando de Eisenhower em Argel encaravam essa aliança britânica com os gaullistas como uma forma de minar a política norte-americana no Norte da África. Ainda conforme Thomas, “a SOE sempre estava sujeita a ser excluída do plano americano em desenvolvimento de trabalhar com os apoiadores de Giraud ou com o governo vichysta em Argel” (Tradução Nossa)^{XXII}.

POR SUA MAJESTADE E PELO TIO SAM: HISTÓRIA COMPARADA DOS SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA BRITÂNICO E NORTE-AMERICANO NA II GUERRA MUNDIAL

ASSIS, R. A. L.

Era um “complexo americano anti-De Gaulle”^{XXIII} que criou um sentimento de frustração entre a resistência interna, o que levou a aumentar seu apoio à França Livre, e conseqüentemente a De Gaulle. No verão de 1943, a resistência interna e a França Livre viviam seu apogeu. A primeira conseguiu se unificar com representantes de partidos e sindicatos, não sem antes passar por tensões pelo controle do movimento. O Partido Comunista, por exemplo, controlava o *Front National* (FN)^{XXIV} e o *Franc-Tireurs et Partisans* (FTP)^{XXV} e aumentava sua influência sobre a Confederação Geral do Trabalho (CGT)^{XXVI}, pois era um movimento com raízes na comunidade trabalhadora. Ao passo que De Gaulle ampliava sua base política na França^{XXVII}. Mas também foi o momento de disputas internas entre diferentes grupos para controlar o movimento de massa, dentre eles Londres. Esse cenário levou os movimentos internos a desejar obter mais independência, o que coincidiu com a popularização da resistência.

Os comunistas angariaram maior apoio entre os movimentos, principalmente as organizações trabalhistas, e a opinião pública, após as vitórias do Exército Vermelho no leste europeu. Seus líderes adotaram uma retórica de insurreição nacional e deslocamento de Londres e Argel (França Livre) como centro de poder. Esse contexto preocupava os não comunistas, dentre eles De Gaulle e os Aliados. Conforme Robert Gildea, “os comunistas foram capazes de canalizar os protestos populares em benefício próprio e de suas doutrinas de ação direta e insurreição nacional” (Tradução Nossa)^{XXVIII}.

Sendo assim, o Partido Comunista era o maior da resistência e as organizações sob seu controle ou influência eram: os sindicatos da CGT, o Front Nacional, o FTP, a União das Mulheres da França e as Juventudes Comunistas^{XXIX}. Inclusive, os sindicatos e o CGT tiveram expressiva participação na mediação entre políticos e resistentes. Portanto, acreditamos que os comunistas eram vistos como um obstáculo para a França Livre e os Aliados na tentativa de controlar a resistência.

Era uma luta pelo poder político entre a França Livre, De Gaulle, a resistência interna e os Aliados^{XXX}. Essa tensão levou a desconfiar entre estes diferentes grupos. Um exemplo foram os próprios atritos entre a SOE e os comunistas na realização de operações de sabotagem. Os agentes britânicos ajudavam os movimentos de resistência com lançamentos de armas e explosivos, além de treinamentos. Mas nem todos eram contemplados, dentre eles os comunistas^{XXXI}.

A Grã-Bretanha estava interessada na divisão por áreas de influência. Como demonstra Sidnei Munhoz, Churchill articulou o atraso da abertura da Segunda Frente, na França, devido à sua preocupação em preservar as possessões imperiais britânicas. Ainda conforme o autor, o primeiro-ministro teria arquitetado uma estratégia que priorizava o controle do Mediterrâneo, por ser o canal de comunicação entre as colônias e Londres, uma vez que os soviéticos estavam prestes a chegar na região, postergando, assim, a Operação Overlord (1944)^{XXXII}. Portanto, enquanto Stalin reivindicava a abertura da frente ocidental, Churchill optou por dominar primeiramente os Balcãs e o Norte da África para garantir suas zonas de influência e afastar a presença do Exército Vermelho.

Portanto, verificamos como no contexto da II Guerra Mundial as divisões futuras da Guerra Fria já se apresentavam. São relações complexas em que estão em jogo não somente Aliados e Eixo, ou democracia e autoritarismo, mas também comunismo e capitalismo, assim como colonialismo e anticolonialismo. Sendo assim, as fronteiras entre os Aliados eram tumultuadas por interesses opostos. O reflexo desses cenários foram as eleições nos primeiros anos do pós-guerra em que, ao lado da esquerda, os conservadores também foram vitoriosos^{XXXIII}.

Em relação aos norte-americanos, a oposição ao comunismo era anterior à própria guerra. Ao analisar produções cinematográficas estadunidenses dos anos 1920, Alexandre Busko Valim

ASSIS, R. A. L.

apresenta películas nas quais o embate entre capitalismo e comunismo já era evidente^{XXXIV}. Esses atritos demonstram como a cooperação entre Aliados na política internacional possuía certos limites.

Esse conflito pelo controle do movimento era cada vez mais intenso por conta da aproximação do Dia D. O resultado do desembarque na Normandia seria fundamental para o futuro político da França. Por isso, havia a preocupação dos Aliados, e conseqüentemente dos agentes da SOE e do OSS, em manter relações mais próximas com certos grupos selecionados. Movimentos de direita, por exemplo, tiveram maior apoio dos Aliados e conseguiram se defender melhor. Desta forma, a Frente Popular era também alvo de interesse da SOE e do OSS, assim como sua guerra irregular.

Segundo Alessandro Visacro, guerra irregular “é todo conflito conduzido por uma força que não dispõe de organização militar formal e, sobretudo, de legitimidade jurídica institucional^{XXXV}. Trata-se de um tipo de conflito em que os fracos (as forças irregulares) tentam atingir os fortes (as forças regulares) através de estratégias específicas, como sabotagem, guerrilha e táticas de terror. Essa forma de luta é amplamente utilizada por grupos de resistência contra forças ocupantes.

Outro fator essencial de um conflito irregular é o apoio popular. Por ser uma luta prolongada com o propósito de desgastar as forças inimigas, essa guerra “não se restringe aos aspectos militares, ela é, antes de mais nada, uma luta psicológica, política e social e deve ser vencida prioritariamente nesses campos”^{XXXVI}. Portanto, a opinião pública contra o inimigo é arma poderosa utilizada contra a força tática e bélica para uma vitória na arena política, e não necessariamente militar.

Os Agentes Secretos em Campo

Dentre as missões de sabotagem havia a *Operação ROOK*, elaborada e executada pelo OSS em parceria com o *International Transport Federation* (ITF - Federação Internacional de Transporte) e sindicatos afiliados à *Confederação Geral do Trabalho* (CGT). Ou seja, havia uma participação direta entre agentes norte-americanos com trabalhadores e sindicatos franceses. Com o ITF e o CGT agindo clandestinamente na região, seus trabalhadores tinham como objetivo “assegurar uma contínua perturbação e interrupção de transporte e comunicação inimiga no sul da França através de sabotagens mútuas em ferrovias e outras instalações” (Tradução nossa).^{XXXVII}

No plano da operação, havia um trabalho conjunto entre os ferroviários e outros trabalhadores com os operadores de rádio da OSS para obter inteligência militar em relação aos transportes, para desta forma estabelecer as bases para a destruição dos alvos em conexão com a Operação do Dia D. A comunicação seria realizada pelo próprio operador de rádio do OSS diretamente para Argel, sede da França Livre. Outra iniciativa foi a execução de treinamentos das forças internas para cooperar com as forças militares Aliadas no momento do desembarque^{XXXVIII}.

Na missão ROOK incluía-se também selecionar um representante do ITF e do CGT. Ele deveria ser aceito pelo grupo de trabalhadores, possuir habilidade organizacional e familiaridade com a área de operação e com o pessoal envolvido. Seu propósito era “contatar ferroviários e outros grupos de trabalhadores nos pontos selecionados e prepará-los para a realização dos objetivos do projeto” (Tradução nossa)^{XXXIX}.

Os agentes seriam também instruídos pela Inteligência francesa, a BCRA de De Gaulle, que concordava e auxiliava na operação, segundo os funcionários do OSS que elaboraram o projeto. Além disso, seriam também assistidos por um instrutor em demolição, transporte entre as instalações e equipamentos. A iniciativa demonstrava a preocupação em coordenar Inteligência e

POR SUA MAJESTADE E PELO TIO SAM: HISTÓRIA COMPARADA DOS SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA BRITÂNICO E NORTE-AMERICANO NA II GUERRA MUNDIAL

ASSIS, R. A. L.

Operação na sua execução ao sabotar os meios de transporte e comunicação franceses. Sendo assim, os agentes estadunidenses e a resistência francesa pretendiam atrapalhar o cotidiano do inimigo, auxiliando as forças Aliadas no Dia D, com o seguinte objetivo:

Obter o máximo de interrupção e deslocamento do sistema de comunicação e transporte, destruição de instalações militares do inimigo no sul da França e garantir inteligência militar atualizada de importância estratégica na mesma área em total cooperação com a International Transport Workers Federation (ITF), a Confederation Generale de Travail (CGT) e organizações sindicais afiliadas funcionando de forma clandestina no território atualmente (Tradução Nossa)^{XL}.

O homem escolhido pela resistência para ser o representante do ITF-CGT foi Mederic (codinome). O agente era conhecido tanto pelos sindicalistas como pelo OSS e possuía a capacidade de selecionar agentes para iniciar o projeto e oferecer contato com ferroviários e trabalhadores da comunicação no sul da França^{XLI}. Ele poderia ser o representante do CGT “sem formalmente comprometer o CGT em um acordo com uma agência de outro governo” (Tradução nossa)^{XLII}. Assim, Mederic era visto como um especialista no tipo de atividade que seria empreendida no projeto, pessoa de confiança entre a resistência na França e possuía “acesso a todos os contatos internos possuídos pelo CGT ou qualquer outro grupo de ação na França” (Tradução Nossa)^{XLIII}. Da mesma forma, ele era capaz de “representar a Resistência perante todos os setores governamentais franceses, incluindo BCRA” (Tradução Nossa)^{XLIV}.

Em relação ao CGT, em algumas notas do projeto o OSS afirma que

A CGT não está, como um sindicato representado na Assembleia nem como um afiliado da ITF através de transportes em agências, em posição para tomar a responsabilidades na conexão com um projeto tal como ROOK (Tradução nossa)^{XLV}.

A afirmação acima evidencia como o OSS possivelmente gostaria de manter o controle sobre a operação, não entregá-la aos sindicatos. Mas a CGT lidava com todos os assuntos envolvendo o movimento a resistência metropolitana no que dizia respeito à munição e ao pessoal para Mederic^{XLVI}. Foi esse movimento de resistência que confiou Mederic como o especialista apropriado para o projeto, agente este escolhido também pelo OSS. Desta forma, verificamos como Mederic tinha trânsito tanto com a CGT como com o serviço de espionagem norte-americano.

A preocupação com o sigilo era a tal ponto que não queriam chamar atenção de outros grupos franceses para a operação, nem mesmo pessoal adicional entre os franceses, com exceção de agentes selecionados por Mederic, precisavam saber do plano. Este sigilo seria apenas para impedir que informações chegassem aos alemães, ou também por não confiar em alguns grupos franceses?

Essa ação foi caracterizada como Operação Especial), o que acarretaria em acordos com a SOE. Desta forma, necessitavam de aprovações provenientes de Londres para que o projeto pudesse ser executado^{XLVII}. Basta lembrar que a SOE era a agência britânica responsável por operações clandestinas desse tipo e mantinha aliança com o OSS. O plano básico de danificação de transportes e comunicações era intensificado e expandido entre esses órgãos^{XLVIII}. Sendo assim, segundo a documentação, era necessária a aprovação mútua para não gerar tensões. Com isso, em fevereiro de 1944, Londres emitiu sua carta concordando com a *Operação ROOK*^{XLIX}.

Contudo, verificamos que essa coordenação de atividades entre as duas instituições não ocorria em todos os cenários. Em Argel, por exemplo, ao estabelecerem bases conjuntas, a SOE e o OSS esconderam parte de suas informações e seus planos um do outro^L. Para Max Hastings, “SOE e MI6 concordaram em quase nada mais, mas estavam preocupados com o caos que poderia

ASSIS, R. A. L.

ser causado por oficiais do OSS no campo, especialmente no Mediterrâneo e no sudeste da Ásia” (Tradução Nossa)^{LI}.

Da mesma forma, Eleony Moorhead afirma que o OSS, na sua tentativa de se fortalecer em Washington, procurou afastar sua dependência dos órgãos responsáveis pelos serviços secretos britânicos^{LII}. Dentre estas instituições estavam o SIS e a SOE. A própria SOE se apressou em estabelecer sua própria base independente em Argel diante das intenções do OSS de fixar um contingente em Marrocos. Essas desconfianças já estavam presentes no nascimento da agência norte-americana, pois sua parceria com os britânicos gerou a hipótese, entre outros órgãos estadunidenses, de um possível desequilíbrio nessas relações. Para a imprensa norte-americana, devido a estreita relação entre ambas as agências, a organização de Donovan era como um “lacaio britânico” (Tradução Nossa)^{LIII}.

À medida que a necessidade de uma ação conjunta para sucesso operacional se tornou mais evidente, ambas as agências conseguiram chegar a um acordo e as relações de cooperação se tornaram mais firmes. Tal cooperação ajudou a alcançar a vitória na Itália e na França. Mas isso não levou a um completo fim das insatisfações. Após a Operação Torch, Donovan se manteve ainda incomodado pelas tentativas da SOE de limitar sua independência, mas manteve uma postura mais contida, pois sua posição em Washington já estava mais solidificada^{LIV}.

Contudo, o chefe do OSS não estava disposto a ceder a região do Norte da África aos britânicos, que era parte fundamental dos planos da SOE para a resistência francesa^{LV}. Para o chefe da SOE, Colin Gubbins^{LVI}, “até que o OSS possa produzir homens com experiência, o chefe [da missão norte-africana] deve ser a SOE” (Tradução Nossa)^{LVII}. Portanto, segundo T.C. Wales, o OSS precisava de África para garantir sua autonomia diante dos conflitos departamentais que enfrentava nos EUA, ao passo que a SOE precisava da região para a formação de uma resistência que ajudasse a criar um canal para a Europa^{LVIII}. Ou seja, havia um conflito entre ambas as organizações na busca por influência no Norte da África. As intenções de cada instituição não eram necessariamente eliminar a outra do cenário, mas subordiná-la.

Tensões como estas demonstram como conflitos por áreas de interesses estratégicos eram presentes nas relações entre os serviços de espionagem britânico e norte-americano. Diante disso, defendemos como suas operações não possuíam apenas interesses militares, como o projeto da *Operação ROOK* tenta nos apresentar inicialmente. Em outras palavras, acreditamos que o OSS possuía duas leituras em torno de suas atividades: a primeira seria militar com o objetivo de auxiliar as tropas Aliadas no desembarque na Normandia; a segunda seria política, ao tentar firmar a presença e influência norte-americana nas regiões de atuação do órgão.

Para comprovar a perspectiva política, destacamos alguns pontos presentes na descrição da *Operação ROOK*. O primeiro foi sua parceria com trabalhadores ferroviários sindicalizados e membros do CGT. Como vimos anteriormente, este grupo possuía certa importância política no território francês entre os operários – ao mesmo tempo, comunistas exerciam influência no movimento. Portanto, a CGT era uma das formas dos comunistas de interagir com a população francesa, principalmente com os trabalhadores. Verificamos, assim, como o OSS possuía a preocupação de agir em conjunto com grupos selecionados para atender aos interesses políticos dos EUA. Essa articulação incluía:

Utilizar representantes devidamente instruídos da CGT para acumulação de inteligência militar.

Auxiliar representantes da CGT em atividades de resistência fornecendo transporte, dinheiro, se solicitado, e certos artigos agora muito necessários em áreas estratégicas, tais como roupas de lã, sapatos, medicamentos, prensas móveis em miniatura.

POR SUA MAJESTADE E PELO TIO SAM: HISTÓRIA COMPARADA DOS SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA BRITÂNICO E NORTE-AMERICANO NA II GUERRA MUNDIAL

ASSIS, R. A. L.

Habilitar representantes da CGT para suprir os objetivos da Missão Varlin e estabelecer as bases para atividades no sul da França, complementando aquele plano delineado pelo OSS-CGT em Londres.

*****Ajudar movimentos militares Aliados por meio da utilização de agências de transporte da CGT para paralisar ou impedir o transporte e a comunicação alemães em um dado momento ou período, usando todos os métodos de sabotagem agora disponíveis ou podendo fornecer materiais (Tradução Nossa)^{LX}.

O plano envolvia também enviar, por transporte marítimo ou aéreo, o “Secretário Geral da CGT que tenha contato com praticamente todos os núcleos CGT na Resistência” (Tradução Nossa)^{LX}. Enviado para o norte da França juntamente com um operador de rádio OSS, o Secretário Geral tinha os seguintes objetivos: distribuir instruções para sabotagem e outras atividades de resistência para agências CGT; instruir estes setores sobre particulares itens de inteligência a serem observados; coletar Inteligência a caminho e coordenar mecanismos de comunicação da CGT; e construir um quadro de cooperação para o Dia D por todas filiais CGT e forças Aliadas^{LXI}. Esse contato do OSS com o Secretário Geral é outra evidência da articulação da agência com a CGT.

Sendo assim, verificamos como o OSS pretendia agir nas áreas de influência dos comunistas, sem se aliar diretamente a eles. Seu objetivo era, além de ajudar a vencer os alemães, aumentar seu poder sobre a população de trabalhadores franceses e minar o poder dos comunistas em relação aos movimentos populares. Para tal, a OSS se dispôs a oferecer ajuda em recursos, treinamento e planos estratégicos a esses operários através da CGT e da ITF:

O Secretário Geral mencionado acima está disposto a agir como agente de distribuição de quaisquer materiais para realizar a interrupção de transporte e comunicação desejada pelo General Donavan. Todos os membros da organização da ITP, que abrange todos os sindicatos de transporte e comunicação franceses, podem ultimamente ser atraídos a um programa de ação comum em cooperação com os Aliados através do plano acima. O oficial referido para isto é certamente a pessoa mais qualificada disponível para o projeto, tendo já indicado sua disposição para se comprometer. É também assegurado suporte de rádio para qualquer parte do projeto envolvendo atividade de sabotagem em massa. A International Transport Federation está preparada para colocar um dos seus mais altos oficiais à disposição em tempo integral do OSS para a execução do projeto (Tradução Nossa)^{LXII}.

A preocupação com as atividades comunistas também pode ser observada ao listarem e descreverem diversos movimentos que agiam no Norte da África. Dentre estes estava a Assistência Popular Argelina, descrita pelo OSS como uma organização voltada ao bem-estar dos trabalhadores árabes, mas salientam a preocupação com o fato de os comunistas estarem “usando a organização para espalhar sua propaganda” (Tradução Nossa)^{LXIII}.

Todavia, é importante pensar essas instituições como uma rede complexa de interesses. O OSS, assim como a SOE, era formado pelos mais variados indivíduos, muitos deles em campo e com contato precário com a sede. O que era decidido em Washington e descrito nesses documentos oficiais poderia encontrar certas contradições em campo, sendo um exemplo o relato do agente OSS chamado Wayne Nelson. Quando em dezembro de 1943 estava em Corsica, centro de operação de Serviço de Inteligência para a Itália e França, Nelson manteve contato com informantes de coalizões partidárias para obter informações e, dentre eles, estavam os comunistas^{LXIV}.

POR SUA MAJESTADE E PELO TIO SAM: HISTÓRIA COMPARADA DOS SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA BRITÂNICO E NORTE-AMERICANO NA II GUERRA MUNDIAL

ASSIS, R. A. L.

Os atritos também ocorriam entre EUA e Londres. A manutenção de áreas dependentes à Grã-Bretanha colidia com a política internacional dos EUA nos continentes africano e asiático de projeção de sua hegemonia. Assim, os EUA se apresentaram como uma força que lideraria os demais Estados na busca por uma ordem. Seus interesses foram colocados como um bem geral, tornando-se, desta forma, um país hegemônico. Havia, inclusive, diferentes tendências dentro do Departamento de Estado dos EUA sobre a configuração política no pós-guerra entre aqueles a favor e os contrários à divisão do mundo em áreas de influência^{LXV}.

Embora os EUA já se apresentassem como uma hegemonia quando eclodiu a guerra, a manutenção das colônias britânicas atrapalhava o plano norte-americano de uma nova ordem baseada no livre comércio. Segundo Sidnei Munhoz, Roosevelt “entendia, porém, que não era possível impor o seu ponto de vista e que Churchill não abriria mão da manutenção dos interesses do Império nas áreas sob dominação colonial”^{LXVI}.

Estas configurações políticas dos EUA e da Grã-Bretanha reverberaram em suas agências de inteligência. Segundo Hastings, a maioria dos funcionários de Donavan eram anticolonialistas, o que levava a tensões com a Grã-Bretanha e a França^{LXVII}. A própria SOE e o Ministério das Relações Exteriores da Inglaterra tentaram impedir o OSS de atuar no Oriente Médio, no Extremo Oriente e na Índia, mas sem sucesso. Ainda conforme o autor “o Estado abortou uma sucessão de outros projetos do OSS que considerou suscetíveis de ‘perturbar as relações coloniais com as populações nativas locais’” (Tradução Nossa)^{LXVIII}. Embora na guerra os estadunidenses já se consolidassem como uma hegemonia mundial, verificamos como, para as agências de inteligência, havia vestígios das disputas entre EUA e Inglaterra por esta posição. O que observamos são jogos paralelos de uma busca por hegemonias dos países Aliados diante da necessidade de vencer Hitler.

Com a comparação, pretendemos comprovar como essas intenções hegemônicas e imperialistas norte-americanas e britânicas estavam presentes nas ações do OSS e da SOE durante a II Guerra Mundial. Enquanto o OSS tentava se aliar ao CGT e, conseqüentemente, aos operários franceses, o agente SOE Peter Ivan Lake se aliou aos *maquis* guerrilheiros ex-combatentes da Guerra Civil espanhola, seu objetivo inicial era instruir e preparar esse grupo. De forma semelhante à *Operação ROOK*, o objetivo de Lake era sabotar linhas ferroviárias antes do Dia D, em 1944, para dificultar o deslocamento das tropas inimigas no momento do desembarque das forças Aliadas na Normandia.

Em junho do mesmo ano, o agente conseguiu retirar os inimigos da área através de operações de sabotagem e guerrilha empreendidas por seu grupo. Um de seus principais feitos foi em relação à linha ferroviária de Perigueux (capital de Dordonha) para Coutras^{LXIX} (Cerca de 74km de acesso por ferrovias foram inutilizados, dificultando o acesso a diferentes cidades), que era mantida constantemente sob ataque por esses resistentes. Nessa ação, foram utilizadas cargas explosivas que deixaram a linha completamente fora de uso. Conforme Jeffrey Richelson, sabotagem em ferrovias foi uma das ações que a SOE demonstrou ter mais sucesso^{LXX}. Uma dessas foi a operação do agente Lake.

Segundo o relatório sobre Peter Ivan Lake, o General encarregado afirmou que sua missão era “**assumir o circuito Maquis** no circuito de Dordonha” (Tradução Nossa, Grifo Nosso)^{LXXI}. Assim como para a SOE, Lake ajudou a “**dirigir os maquis** em suas operações contra tropas alemãs evacuando o sul da França, e suas batalhas pela libertação de Perigueux” (Tradução Nossa, Grifo Nosso)^{LXXII}. Isso nos leva a alguns questionamentos: os britânicos pretendiam controlar a resistência? Essa era a percepção da SOE em relação às suas atividades?

Outro exemplo foi o ex-agente OSS, Robert Kehoe, enviado para trabalhar em conjunto com os *maquis*. O trabalho deste agente era “fortalecer a organização e a disciplina dos *maquis* e fornecer a conexão com a sede para oferecer suprimentos e comando, bem como orientação geral

ASSIS, R. A. L.

sobre os objetivos” (Tradução Nossa)^{LXXIII}. O agente OSS também afirma que “nossas operações foram em uma escala muito maior, com mais de 4.000 homens armados por nossos esforços e operando mais ou menos sob nossa direção” (Tradução Nossa)^{LXXIV}. Aqui verificamos que, assim como Lake, Kehoe possivelmente entendia suas ações como forma de comando sobre a resistência.

A SOE e o OSS tentavam se integrar ao aparelho burocrático e institucionalizado de seus respectivos Estados. Segundo Zygmunt Bauman, o Estado é um agente que reivindica o direito de estabelecer normas e regras para transformar o acaso em regularidade, ou seja, “a floresta primeva em um jardim cuidadosamente planejado, o caos em ordem”^{LXXV}. Ainda conforme o autor, a formação do Aparelho Estatal é baseada em uma burocracia que cria uma “organização hierárquica com área de competência delimitada”^{LXXVI}, logo cada setor tem como função manter a ordem do poder social. Portanto, verificamos como as agências de espionagem fazem parte desta burocracia e possivelmente tentavam cumprir essa função de manter uma ordem naquilo que elas consideravam o caos. Contudo, nos perguntamos até que ponto conseguiam chegar a tais objetivos. Não havia certa autonomia da resistência?

Um outro exemplo de como possivelmente Lake não pretendia se subordinar aos *maquis* foi seu encontro com o primeiro grupo de treinamento e seu líder, Rene, também conhecido como “Soleil”, na área vizinha de Soirac. Classificado por Lake como um “bandido”, “Soleil” era para o agente SOE como uma “estranha influência sobre os jovens elementos” e que inspirava “terror entre os ‘colaboradores’, os quais ele perseguiu implacavelmente” (Tradução Nossa)^{LXXVII}. Ainda conforme Lake, estes *maquis* estavam “armados como piratas, se comportavam como piratas e esperavam de mim fazer a mesma coisa” (Tradução Nossa)^{LXXVIII}. Procurando deixar claro que não estava sob as ordens dos *maquis*, Peter Lake afirmou que:

Muito antes eu percebi que o jovem Soleil estava equivocado sobre meu propósito; ele havia pensado (ou tomou como garantido) que eu fui especialmente mandado da Inglaterra como instrutor para seu pequeno *maquis* – cerca de 200, e praticamente sobre sua ordem. Convinha bem a ele ter um inglês como um exemplo, porque isso o ajudou em sua campanha de recrutamento. Ele foi rapidamente informado de seu erro (Tradução Nossa)^{LXXIX}.

Situação semelhante ocorreu com o agente SOE Francis Cammaerts, que atuou na França e se deparou com alguns problemas de comando com a resistência. Segundo Cammaerts, seu problema com o FTP era o fato de eles possuírem “regras muito restritas sobre a estrutura de comando e tomadas de decisões” (Tradução Nossa)^{LXXX}. Assim, ele afirmou que não era possível atingir os reais comandos. Além disso, elogiou os socialistas que não planejavam uma insurreição nacional.

O grupo ao qual Lake dedicou mais tempo em seus treinamentos foi na região de Villefranche. Estes resistentes foram elogiados por Lake como “bons elementos” por possuírem “um quadro militar adequado e liderança” (Tradução Nossa), o que contribuiria, segundo Lake, para que eles realizassem um trabalho útil^{LXXXI} – demonstrando como possivelmente o agente SOE valorizava movimentos de resistência com disciplina militar. Tentava, assim, a SOE aplicar uma lógica de guerra regular, baseada em normas, em uma guerra irregular com ações flexíveis?

O fato destes *maquis* terem se tornado posteriormente parte do FTP fez com que Lake mudasse sua avaliação e os classificasse com “tendências para banditismo” (Tradução Nossa), levando-o a cortar relações^{LXXXII}. Vale ressaltar que o FTP era composto principalmente por comunistas, o que demonstra como a SOE pretendia se afastar deste grupo, categorizando-os de forma pejorativa sem qualquer disciplina. Inclusive, Lake afirmou que somente grupos considerados organizadamente sérios receberam os 400 contêineres com armas em Correze^{LXXXIII}. Portanto, verificamos como os comunistas não se enquadravam nessa classificação para a SOE.

POR SUA MAJESTADE E PELO TIO SAM: HISTÓRIA COMPARADA DOS SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA BRITÂNICO E NORTE-AMERICANO NA II GUERRA MUNDIAL

ASSIS, R. A. L.

Finalmente, Lake se dirigiu para Cousarc, cerca de 8 km de Perigueux. Para ele, foi nesta região em que pôde encontrar “*maquis* sérios” que utilizavam uniformes franceses, possuíam treinamento militar e eram disciplinados ao receber treinamento do exército regular^{LXXXIV}. Aqui percebemos, mais uma vez, como para o agente SOE alguns grupos se distinguiam uns dos outros conforme os princípios militares. Esses movimentos recebiam armamentos dos ingleses e mantinham alta moral com a aproximação do Dia D. Segundo o relatório, estes *maquis* estavam acostumados com o frio, conheciam bem o território e obtiveram apoio da população local^{LXXXV}.

Após o Dia D, essa resistência pôde agir em campo aberto, ocupando, assim, as cidades, apesar de Lake avaliar que o faziam de forma imprudente. Isso porque estradas foram bloqueadas com árvores derrubadas, pontes e ferrovias explodidas e grandes extensões de caminhos removidos – o que evidencia que ações que não obedeciam a uma disciplina militar eram reprovadas pelo agente SOE. Contudo, foi concluído que as ordens de Londres foram completamente executadas, o que demonstra a leitura da SOE de que os *maquis* estavam sob suas ordens. Mas o fato de os *maquis* eventualmente agirem de forma que a SOE desaprovava também demonstra como esse controle era questionável.

Questionável ao ponto de as ações da agência britânica não serem completamente aceitas por toda a resistência francesa. Em um encontro de Lake com o General de Gaulle, em Saintes, pode-se observar, como consta no diálogo abaixo, um clima de tensão entre ambos devido à presença do agente britânico:

De G.: ‘Jean-Pierre, é um nome francês’.
 Eu: ‘Meu nome de guerra, meu General’.
 De G.: ‘O que você está fazendo aqui?’
 Eu: ‘Eu pertenço ao *Inter-Allied Mission* pelo Dordonha, e eu estou no momento com tropas de Dordonha em Marennnes, meu General’.
 De G.: ‘Mas **o que** você está fazendo aqui?’
 Eu: ‘Estou treinando certas tropas para operações especiais’.
 De G.: ‘Nossas tropas não precisam de treinamento. Você não tem negócios aqui’.
 Eu: ‘Eu obedeco às ordens dos meus superiores’.
 De G.: ‘Você não tem negócios aqui, eu disse. Você não tem o direito para exercer um comando.’
 Eu.: ‘Meu general, eu não exerço nenhum comando’.
 De G.: ‘Nós não precisamos de você aqui. Só resta para você partir. Eu já tinha dito a um, ARISTIDE, que estava se entregando à política, para sair. Outro que despachei é HILAIRE em TOULOUSE. Você deve ir para casa. Retorne, retorne rapidamente.....Au revoir’.
 Pausa
 Eu: ‘Oui, mon général’ (Tradução Nossa)^{LXXXVI}.

Portanto, percebemos que essa cooperação entre os serviços secretos Aliados e a resistência não era um fenômeno homogêneo. Esse tipo de conflito dentro da própria rede dos Aliados demonstra o aspecto político de disputa de poder para agir conforme seus interesses., apesar de possuírem o mesmo inimigo e objetivos semelhantes de expulsá-lo do território francês.

O diálogo entre Peter Ivan Lake e De Gaulle é um reflexo das tensões políticas entre a Inglaterra e a França Livre, ainda que estabelecessem parceria em diversas ações conjuntas. Como vimos anteriormente, De Gaulle tinha o objetivo de controlar a resistência na França para fortalecer sua figura como líder da resistência e do país após a libertação. Segundo Alessandro Visacro “estima-se que, em 1944, ano da libertação, aproximadamente 400 mil pessoas estavam envolvidas com a resistência, das quais 116 mil empunhavam armas”^{LXXXVII}. Arelado a isso, era de fundamental importância para os interesses gaullistas afastar uma insurreição nacional desejada pelos comunistas.

POR SUA MAJESTADE E PELO TIO SAM: HISTÓRIA COMPARADA DOS SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA BRITÂNICO E NORTE-AMERICANO NA II GUERRA MUNDIAL

ASSIS, R. A. L.

Conforme David De La Marck, a partir de 1942, De Gaulle procurou estabelecer um serviço secreto francês articulado não somente com questões militares, mas também políticas. Seu objetivo era criar, na França Livre, uma organização clandestina para vencer Vichy e os alemães e se libertar do controle do serviço secreto britânico^{LXXXVIII}. Ainda conforme Marck, “o General discordava fundamentalmente da política subversiva do governo britânico em relação à França” (Tradução Nossa) pois, para De Gaulle, “todas as ações e atividades de inteligência realizadas na França, principalmente se realizadas por franceses, deveriam estar diretamente sob sua responsabilidade e ordens” (Tradução Nossa)^{LXXXIX}. Em outras palavras, o General pretendia formar um serviço de inteligência francês independente da Inteligência britânica, em que pudesse controlar as atividades clandestinas em território francês.

O que pretendemos destacar é como estas questões da política de Estado reverberaram nas agências de inteligência britânica e norte-americana. Como demonstra Joshua Rovner, órgãos de inteligência estão sujeitos a uma politização, o que nos leva a explorar “como as instituições domésticas filtram e mediam os sinais internacionais”^{XC}. Como tais serviços precisam convencer os políticos a se utilizarem de suas avaliações, as agências de inteligência estão sujeitas a adequar seu produto final aos interesses ou pressões políticas destes.

"Encerrando Transmissão"

Observamos como as ações do OSS e da SOE não eram apenas para contribuir militarmente com as forças Aliadas. Estas instituições encaravam suas atividades e suas relações com a resistência como uma forma de atender às pretensões hegemônicas e imperialistas de seus respectivos países. Por um lado, a Grã-Bretanha desejava a manutenção de seu império, e os EUA, uma nova grande potência em ascensão, tinha a intenção de projetar seu poder global. A SOE e o OSS, como instituições que faziam parte do planejamento estratégico e das agendas de segurança e defesa destes governos, encaravam suas ações como uma maneira de ajudar a colocar em prática os interesses nacionais.

Verificamos essas leituras das agências através das articulações com os grupos de resistência. Para além de criar distúrbios atrás das linhas inimigas, o OSS e a SOE procuraram se aliar a grupos locais na tentativa de minar a influência dos comunistas e, conseqüentemente, afastar suas intenções de insurreição nacional. Para estas organizações, dentre seus objetivos estava criar uma força de comando sobre esses grupos resistentes para se estabelecer como extensões de seus respectivos governos nas áreas de atuação da resistência. Esse aspecto pode ser verificado nas tensões entre estadunidenses, britânicos e gaullistas que possuíam objetivos diferentes para o futuro da França e de suas colônias. Assim, SOE e OSS eram vistos como obstáculos pela França Livre e vice-versa.

Notas

^I Doutora em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ). Professora adjunta do curso de História da Universidade Federal de Roraima (CHIS/UFRR). Integrante do Grupo de Estudo do Tempo Presente (GET/UFES/CNPq). E-mail: raquel@getempo.org.

^{II} O'CONNOR, Bernand. **Churchill's School for Saboteurs Station 17: The secret life Brickendonbury Manor & the WW2 assassins & saboteurs who set occupied Europe alight**. UK: Amberley, 2014, p. 15-6.

^{III} O FBI é uma agência governamental estadunidense, criada em 1908 por J. Edgar Hoover, Charles Joseph Bonaparte, Theodore Roosevelt e subordinada ao Departamento de Justiça dos Estados Unidos. Voltada para a segurança interna dos EUA, sua principal função é empreender contra-inteligência, ou seja, proteger as informações secretadas no país. Durante a Segunda Guerra Mundial, a agência atuava também na América Latina coletando informações.

POR SUA MAJESTADE E PELO TIO SAM: HISTÓRIA COMPARADA DOS SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA BRITÂNICO E NORTE-AMERICANO NA II GUERRA MUNDIAL

ASSIS, R. A. L.

^{IV} Agência voltada para a Política da Boa Vizinha norte-americana que tinha como objetivo incentivar e fomentar parcerias culturais e econômicas entre os EUA e a América Latina. Falaremos mais sobre essa agência no segundo capítulo.

^V SACQUETY, Troy J. *The OSS in Burma: Julge War against the Japanese*. University Pressa of Kansas, 2013, p. 01

^{VI} Cf.: ASSIS, Raquel Anne Lima de. TRILHANDO NOVOS CAMINHOS "SECRETOS": ESPIONAGEM, BUROCRACIA E CONFLITOS NA II GUERRA MUNDIAL. *Revista Ars Histórica*, v. 21, p. 54-79, 2021.

^{VII} HASTINGS, Max. **The Secret War: Spies, ciphers, and guerrillas 1939-1945**. New York: HarperCollins Publishers, 2015, p.24.

^{VIII} BIEBER, K. RESISTANCE. In: GORDON, Bertram M. (Edited by). **Historical dictionary of World War II France: The Occupation, Vichy, and the Resistance, 1938–1946**, p. 311

^{IX} GILDEA, Robert. **Combatientes en la Sombra: La Historia Definitiva de la Resistencia Francesa**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Taurus, 2017.

^X Foi um general francês que governou a França de Vichy entre 1940 e 1944, período da ocupação alemã. Pétain adotou um posicionamento colaboracionista com a Alemanha nazista.

^{XI} Op. Cit, p. 139.

^{XII} Ibidem, p. 141.

^{XIII} Idem.

^{XIV} Ibidem, p. 144.

^{XV} Ibidem, p. 252.

^{XVI} Foi o movimento dominado pelos comunistas que se constituiu como uma das maiores organizações militares da resistência. A partir de 1941, com a invasão da URSS pelos alemães, o Partido Comunista incentivou a luta armada contra as forças invasoras e, em 1942, organizou-se no FTP, tornando-se a ala militar do movimento político *Front National*. Apesar de ser formado inicialmente pelos comunistas, o grupo foi constituído também por membros de outras fileiras políticas. Agiu em cooperação com movimentos sindicais clandestinos, com maior expressão nas maiores cidades, operando principalmente no Norte da França, mas com ações executadas também na região sul. A partir de 1943, suas atividades ofensivas se intensificaram agindo em ações de guerrilha e de sabotagem em ferrovias, alvos industriais, linhas telefônicas e cabos de eletricidade. Seu objetivo era abrir uma segunda frente para ajudar o avanço soviético no leste europeu. Devido ao seu viés comunista, era visto com suspeitas pelos gaullistas e Aliados, o que levou à falta de apoio tático e à procura por armamentos através de ações contra os alemães. Mas, em 1944, angariou maior respeito dos Aliados, mesmo que de maneira relutante, ao liberar áreas fora do avanço Aliado. Cf. KELLY, M. FRANCS-TIREURS ET PARTISANS FRANÇAIS. In: GORDON, Bertram M. (Edited by). **Historical dictionary of World War II France: The Occupation, Vichy, and the Resistance, 1938–1946**, p. 145.

^{XVII} Organização comunista de imigrantes que se formou com a dissolução do Partido Comunista, em 1939, o que ocasionou sua clandestinidade e perseguição pelo regime de Vichy. O MOI se uniu ao FTP em uma ação armada contra as forças alemãs no que ficou conhecido como FTP-MOI, formada principalmente por refugiados políticos, judeus e veteranos da guerra civil espanhola. Cf. SIMMONDS, J.C. FRANCS TIREURS ET PARTISANS—MAIN D’OEUVRE IMMIGRÉE. In: Ibidem, p. 146.

^{XVIII} GILDEA, Robert. **Combatientes en la Sombra: La Historia Definitiva de la Resistencia Francesa**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Taurus, 2017, p. 253.

^{XIX} Ibidem, p. 256.

^{XX} THOMAS, Martin. The Massingham mission: SOE in French North Africa, 1941–1944, **Intelligence and National Security**, 11:4, 1996, p. 696, DOI: 10.1080/02684529608432387

^{XXI} Ibidem, p. 701.

^{XXII} Idem.

^{XXIII} Idem.

^{XXIV} Foi o maior movimento político da resistência que atuou tanto na zona ocupada como na zona livre. Era dominado pelos comunistas e não deve ser confundido com o *Front Nacional* de extrema-direita que surgirá décadas posteriores. O movimento procurou atrair intelectuais de esquerda e profissionais liberais, assim como gaullistas e católicos com o objetivo de ampliar seu projeto de uma frente nacional contra a ocupação. Em 1942, tornou-se responsável em supervisionar as ações políticas do FTP. No ano seguinte o *Front Nacional* ingressou no Conselho Nacional de Resistência (CNR), que estava sob a presidência de Jean Moulin, tendo papel importante nos comitês de resistência locais e departamentais em toda a França. Cf. KELLY, M. FRONT NATIONAL. In: GORDON, Bertram M. (Edited by). **Historical dictionary of World War II France: The Occupation, Vichy, and the Resistance, 1938–1946**, 1998, p.150.

^{XXV} Ver nota 16.

^{XXVI} A Confederação Geral do Trabalho era a maior organização trabalhista da França antes da guerra. Tentou colaborar com Vichy, mas suas concessões não foram suficientes para impedir sua dissolução em 1940. A partir de

POR SUA MAJESTADE E PELO TIO SAM: HISTÓRIA COMPARADA DOS SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA BRITÂNICO E NORTE-AMERICANO NA II GUERRA MUNDIAL

ASSIS, R. A. L.

então, suas atividades se tornaram clandestinas e seus membros ingressaram na resistência. Em 1944 o Governo Provisório em Argel restaurou o CGT e, no pós-guerra assumiu, uma posição triunfante com os comunistas controlando quase todas as federações envolvidas na produção industrial e a maior parte dos sindicatos Cf. HAUG, C. J. CONFÉDÉRATION GÉNÉRALE DU TRAVAIL. In: *Ibidem*, p. 85.

^{XXVII} GILDEA, Robert. **Combatientes en la Sombra**: La Historia Definitiva de la Resistencia Francesa. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Taurus, 2017, p. 282.

^{XXVIII} *Ibidem*, p. 303.

^{XXIX} *Ibidem*, p. 312.

^{XXX} *Ibidem*, p. 351

^{XXXI} *Ibidem*, p. 326.

^{XXXII} MUNHOZ, Sidnei José. **Guerra Fria: História e Historiografia**. Curitiba: Appris, 2020, p. 68-9.

^{XXXIII} Na França os comunistas angariaram 26% do eleitorado em 1946. C.f.: ELEY, Geoff. **Forjando a Democracia**: A história da esquerda na Europa, 1850 – 2000. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 337.

^{XXXIV} VALIM, Alexandre Busko. Cinema e Guerra Fria: entre Hollywood e Moscou. In: LAPSKY, Igor, LEÃO, Karl S., SILVA, Francisco T.(Orgs.). O cinema vai à guerra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015, p. 181.

^{XXXV} VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular**: Terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história. São Paulo: Contexto, 2019, p. 13.

^{XXXVI} *Ibidem*, p. 83.

^{XXXVII} “To secure a continuous disruption and interruption of enemy transport and communications in Southern France through mutual sabotage of railroad and other facilities”. In: OFFICE OF STRATEGIC SERVICE. **French Labor Project**. Record Group 226: Records of the Office of Strategic Services, 1919 – 2002. Series: Algiers Field Station Files, 1941 – 1945. File Unit: 626) **ROOK: Sabotage of Transportation and Communications in Southern France**, Nov 1943-Feb 1944. National Archives Identifier: 6275410. ARC Identifier: 6275410. HMS/MLR Entry Number: A1 97. Container ID: 35.

^{XXXVIII} *Idem*.

^{XXXIX} “He will contact the railway and other works’ groups at selected points and prepare them for realization of the aims of the project”. In: *Idem*

^{XL} “To obtain maximum disruption and dislocation of enemy transportation and communication systems and destruction of enemy, military, installations in Southern France and to secure current military, intelligence of strategic importance in the same area in full co-operation with International Transport Workers Federation (ITF), the Confederation Generale de Travail (CGT) and affiliated labor organisations presently functioning clandestinely with the territory. In: *Ibidem*, **Charlemagne Project**.

^{XLI} *Ibidem*. **Letter for Omer**.

^{XLII} “Without formally putting CGT into an arrangement with an agency of another government”. In: *Idem*.

^{XLIII} “(...) who personally has access to all internal contacts possessed by the CGT or any other action groups in France”. *Ibidem*. **Notes...ROOK**.

^{XLIV} “(...) to represent the Resistance before all French government branches, including BCRA”. In: *Idem*.

^{XLV} “The CGT is not, as a union represented in the ASSEMBLEE nor as an IFT affiliate through its transportation branches, in a position to undertake responsibilities in connection with a project such as ROOK”. In: *Idem*.

^{XLVI} *Idem*.

^{XLVII} *Idem*.

^{XLVIII} BROOK, Sir Robin. The London Operation: The British View. In: CHALOU, George C. (org). **The Secrets war**: the Office of Strategic Services in World War II. United States: National Archives and Records Administration. Proceedings of a conference sponsored by and held at the National Archives in Washington, D.C., July 11-12, 1991, p. 70.

^{XLIX} Op. Cit. **French Labor Project**.

^L HASTINGS, Max. **The Secret War**: Spies, ciphers, and guerrillas 1939-1945. New York: HarperCollins Publishers, 2015, p. 290.

^{LI} *Ibidem*, p. 291.

^{LII} MOORHEAD, Eleony. The OSS and Operation TORCH: The Beginning of the Beginning. In: **Tempus**: The Harvard College History Review, Vol. X, Issue 1, Summer 2009, p. 1-2.

^{LIII} Op. Cit., p. 05.

^{LIV} WALES, TC. The ‘Massingham’ Mission and the Secret ‘Special Relationship’: Cooperation and Rivalry between the Anglo-American Clandestine Services in French North Africa, November 1942–May 1943, **Intelligence and National Security**, 20:1, 2005, p. 66-7.

^{LV} *Ibidem*, p. 47.

POR SUA MAJESTADE E PELO TIO SAM: HISTÓRIA COMPARADA DOS SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA BRITÂNICO E NORTE-AMERICANO NA II GUERRA MUNDIAL

ASSIS, R. A. L.

- LVI Estudou em Cheltenham College e em Sandhurst, lutou na Primeira Guerra Mundial na França, na Bélgica e no Norte da Rússia, ganhando a Cruz Militar. Cf.: WEST, Nigel. **The A to Z of British Intelligence**. Lanham, Toronto, Plymouth, UK: The Scarecrow Press, Inc, 2009, p. 225.
- LVII *Ibidem*, p. 49.
- LVIII WALES, TC. The ‘Massingham’ Mission and the Secret ‘Special Relationship’: Cooperation and Rivalry between the Anglo-American Clandestine Services in French North Africa, November 1942–May 1943, **Intelligence and National Security**, 20:1, 2005, p. 44, DOI: 10.1080/02684520500059395.
- LIX “To utilize properly briefed CGT representatives for accumulation of military intelligence. To aid CGT representatives engaged in Resistance activities by supplying transport, money if required, and certain articles now badly need in strategic areas such as woolen clothing, shoes, medicaments, miniature printing presses. To enable CGT reps, to supplement the objectives of Mission Varlin and to lay the groundwork for activities in southern France complementing those outlined in London OSS-CGT plan. **** TO aid Allied military movements by utilizing transports branches of CGT to paralyze or impede German transport and communications at a given time or during a given period, using all sabotage methods now available or/with we can furnish materials”. In: OFFICE OF STRATEGIC SERVICE. **French T.U. Project (To be organized cooperatively by OSS, ITF, CGT)**. Record Group 226: Records of the Office of Strategic Services, 1919 – 2002. Series: Algiers Field Station Files, 1941 – 1945. File Unit: 626) **ROOK: Sabotage of Transportation and Communications in Southern France**, Nov 1943-Feb 1944. National Archives Identifier: 6275410. ARC Identifier: 6275410. HMS/MLR Entry Number: A1 97. Container ID: 35.
- LX “To send into southern France by boat from Corsica or by plane a General Secretary of the CGT who has contact with virtually all CGT nuclei in the Residence”. In: *Idem*.
- LXI *Idem*.
- LXII “The general secretary mentioned above is willing to act as the distributing agent for any materials necessary to achieve the transportation and communication interruption desired by General Donovan. All member organizations of the ITF, which covers all French transport of communications unions, can ultimately be drawn into a common action program in cooperation with Allies through the above plan. The official referred to is by all odds the most qualified available person for the project and has already indicated his willingness to undertake it. Radio support for any part of the project involving mass sabotage activities is also assured. The International Transport Federation is prepared to put one of its highest officials at the full-time disposal of OSS for the execution of the project”. In: *Idem*.
- LXIII “The ‘Secours Populaire Algerien’ is an organization ostensibly concerned with the welfare of the working classes, particularly with Arabs; however, at the present time, Communists appear to be using the organizations to spread its propaganda”. In: *Ibidem*, **Secours Populaire Algerien**.
- LXIV WAYNE, Nelson. **A Spy’s Diary of World War II: Inside the OSS with an American Agent in Europe**. Jefferson, North Carolina, and London: McFarland & Company, Inc. Publishers, 2009, p. 76.
- LXV MUNHOZ, Sidnei José. **Guerra Fria: História e Historiografia**. Curitiba: Appris, 2020, p. 74.
- LXVI *Ibidem*, p. 87-8.
- LXVII HASTINGS, Max. **The Secret War: Spies, ciphers, and guerrillas 1939-1945**. New York: HarperCollins Publishers, 2015, p. 289.
- LXVIII *Ibidem*, p. 289-90.
- LXIX Coutras é uma comuna francesa também localizada na região de Nova Aquitânia, no departamento da Gironda.
- LXX RICHELSON, Jeffrey T. **A Century of Spies: Intelligence in the Twentieth Century**. New York: Oxford University Press, 1995, p. 148.
- LXXI “This officer’s mission was to take over the Maquis in Dordogne circuit”. In: Op. Cit., **T. Capt. P.I. Lake. 212165. General List**.
- LXXII “(...) helping him to direct the maquis in their operations against German troops evacuating the south of France, and their battles for the liberation of Perigueux (...)”. In: *Ibidem*, **Pro-Forma**.
- LXXIII “It was our job to strengthen the organization and discipline of the maquis and provide the link to headquarters for supplies and command as well as general guidance on targets”. In: KEHOE, Robert R. 1944: An Allied Team With the French Resistance. **Central Intelligence Agency: Library**, Center for the Study of Intelligence, Studies Archive Indexes, Vol. 42, N° 05, 1997, p. 33.
- LXXIV “As it turned out, our operations were on a much larger scale, with over 4,000 men armed through our efforts and operating more or less under our direction” In: *Ibidem*, p. 50.
- LXXV BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 68.
- LXXVI *Ibidem*, p. 69.
- LXXVII “He appeared, however, to exercise an uncanny influence over the youthful elements, and to inspire a salutary terror among the ‘collaborators’, whom he pursued relentlessly”. In: SPECIAL OPERATIONS EXECUTIVE, **Pro-**

POR SUA MAJESTADE E PELO TIO SAM: HISTÓRIA COMPARADA DOS SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA BRITÂNICO E NORTE-AMERICANO NA II GUERRA MUNDIAL

ASSIS, R. A. L.

Forma. File Number: 22666/A. Subject: Peter Ivan Lake. Catalogue Reference: HS/9/877/5. Date: 1939 Jan 01-1946 Dec 31, **Real Name: Capitão P.I. Lake. Nom de Guerre: Basil. Circuit: Digger**, 11/10/1944.

LXXVIII “Soleil and his companions were armed like pirated, behaved like pirated and expected me to do likewise”. In: Idem.

LXXIX “Long before I realized that young Soleil was under a misapprehension regarding my purpose; he had thought (or taken it for granted) that I was specially sent from England as instructor for his small maquis - about 200, and practically under his order. It suited him well to have an Englishman as a showpiece, for it helped him in his recruitment drive. He was quickly informed of his error”. In: Idem.

LXXX “My problem with the FTP was that they had very strict rules about structures of command and decision-making”. In: CAMMAERTS, Francis. Grane, Drôme, 18 March 1991. KEDWARD, H.R. **In Search of the Maquis: Rural Resistance in Southern France 1942-1944**. New York: Oxford University Press, 1993, p. 278.

LXXXI “There were good elements, and had they had a proper military framework and leadership, they must have accomplished useful work”. In: Op. Cit., **Real Name: Capitão P.I. Lake. Nom de Guerre: Basil. Circuit: Digger, 11/10/1944**.

LXXXII “Later on they became F.T.P. and their tendency to banditry obliged NESTOR to cut all contacts”. In: Idem.

LXXXIII Idem.

LXXXIV Idem.

LXXXV Idem.

LXXXVI “de G . ‘Jean-Pierre, that's a French name’./ Self. ‘My nom-de-guerre’, my General’./ de G . ‘What are you doing here?’/ Self. ‘I belong to the Inter-Allied Mission for Dordogne, and I am at the moment with Dordogne troops in Mareennes, mon Général’./ de G . ‘But what are you doing here?’ / Self. ‘I’m training certain troops for special operations’./ de G . ‘Our troops don't need training. You have no business here’./ Self. ‘I obey orders from my superiors’./ de G . ‘You have no business here, I said. You do no right to exercise a command./ Self. ‘Mon général, I exercise no command’./ de G . ‘We don’t need you here. It only remains for you to leave. I have already told one, ARISTIDE, who was giving indulging to politics, to get out. Another that I have dispatched is HILAIRE in TOULOUSE. You too must go home. Return, return quickly Au revoir’./ Break/ Self. ‘Oui, mon général’”. In: **Ibidem, Meeting with Général De Gaulle at Saintes on Sept. 18th**.

LXXXVII VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular: Terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história**. São Paulo: Contexto, 2019, 60.

LXXXVIII MARCK, David De Young De La, De Gaulle, Colonel Passy and British Intelligence, 1940–42, **Intelligence and National Security**, 18:1, 2003, p. 27, DOI: 10.1080/02684520308559245

LXXXIX **Ibidem**, p. 29-30.

^{XC} ROVNER, Joshua. **National Fixing the facts: national security and the politics of intelligence**. Ithaca and London: Cornell University Press, 2011, p. 03.

Fontes

OFFICE OF STRATEGIC SERVICE. Record Group 226: Records of the Office of Strategic Services, 1919 – 2002. Series: Algiers Field Station Files, 1941 – 1945. File Unit: 626) **ROOK: Sabotage of Transportation and Communications in Southern France**, Nov 1943-Feb 1944. National Archives Identifier: 6275410. ARC Identifier: 6275410. HMS/MLR Entry Number: A1 97. Container ID: 35.

SPECIAL OPERATIONS EXECUTIVE.. File Number: 22666/A. Subject: **Peter Ivan Lake**. Catalogue Reference: HS/9/877/5. Date: 1939 Jan 01-1946 Dec 31.

WAYNE, Nelson. **A Spy’s Diary of World War II: Inside the OSS with an American Agent in Europe**. Jefferson, North Caroline, and London: McFarland & Company, Inc. Publishers, 2009.

ASSIS, R. A. L.

Referências Bibliográficas

- ASSIS, Raquel Anne Lima de. TRILHANDO NOVOS CAMINHOS "SECRETOS": ESPIONAGEM, BUROCRACIA E CONFLITOS NA II GUERRA MUNDIAL. **Revista Ars Histórica**, v. 21, p. 54-79, 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BROOK, Sir Robin. The London Operation: The British View. In: CHALOU, George C. (org). **The Secrets war: the Office of Strategic Services in World War II**. United States: National Archives and Records Administration. Proceedings of a conference sponsored by and held at the National Archives in Washington, D.C., July 11-12, 1991.
- GILDEA, Robert. **Combatientes en la Sombra: La Historia Definitiva de la Resistencia Francesa**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Taurus, 2017.
- GORDON, Bertram M. (Edited by). **Historical dictionary of World War II France: The Occupation, Vichy, and the Resistance, 1938–1946**.
- HASTINGS, Max. **The Secret War: Spies, ciphers, and guerrillas 1939-1945**. New York: HarperCollins Publishers, 2015.
- KEDWARD, H.R. **In Search of the Maquis: Rural Resistance in Southern France 1942-1944**. New York: Oxford University Press, 1993.
- KEHOE, Robert R. 1944: An Allied Team With the French Resistance. **Central Intelligence Agency: Library, Center for the Study of Intelligence, Studies Archive Indexes**, Vol. 42, N° 05, 1997.
- MARCK, David De Young De La, De Gaulle, Colonel Passy and British Intelligence, 1940–42, **Intelligence and National Security**, 18:1, 2003, p. 27, DOI: 10.1080/02684520308559245.
- MOORHEAD, Eleony. The OSS and Operation TORCH: The Beginning of the Beginning. In: **Tempus: The Harvard College History Review**, Vol. X, Issue 1, Summer 2009.
- MUNHOZ, Sidnei José. **Guerra Fria: História e Historiografia**. Curitiba: Appris, 2020.
- O'CONNOR, Bernand. **Churchill's School for Saboteurs Station 17: The secret life Brickendonbury Manor & the WW2 assassins & saboteurs who set occupied Europe alight**. UK: Amberley, 2014.
- RICHELSON, Jeffrey T. **A Century of Spies: Intelligence in the Twentieth Century**. New York: Oxford University Press, 1995.
- ROVNER, Joshua. **National Fixing the facts: national security and the politics of intelligence**. Ithaca and London: Cornell University Press, 2011
- SACQUETY, Troy J. **The OSS in Burma: Jungle War against the Japanese**. University Press of Kansas, 2013.

POR SUA MAJESTADE E PELO TIO SAM: HISTÓRIA COMPARADA DOS SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA BRITÂNICO E NORTE-AMERICANO NA II GUERRA MUNDIAL

ASSIS, R. A. L.

THOMAS, Martin. The Massingham mission: SOE in French North Africa, 1941–1944, **Intelligence and National Security**, 11:4, 1996, p. 696, DOI: 10.1080/02684529608432387

VALIM, Alexandre Busko. Cinema e Guerra Fria: entre Hollywood e Moscou. In: LAPSKY, Igor, LEÃO, Karl S., SILVA, Francisco T.(Orgs.). O cinema vai à guerra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.

VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular**: Terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história. São Paulo: Contexto, 2019.

WALES, TC. The ‘Massingham’ Mission and the Secret ‘Special Relationship’: Cooperation and Rivalry between the Anglo-American Clandestine Services in French North Africa, November 1942–May 1943, **Intelligence and National Security**, 20:1, 2005, p. 44, DOI: 10.1080/02684520500059395

WEST, Nigel. **The A to Z of British Intelligence**. Lanham, Toronto, Plymouth, UK: The Scarecrow Press, Inc, 2009.